



Universidade de Brasília
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

**O REAL, O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO NO FAZER PEDAGÓGICO
DO COORDENADOR DA EJA.**

ANA LISE MARQUES PETROCELI

BRASÍLIA
2015

ANA LISE MARQUES PETROCELI

**O REAL, O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO NO FAZER PEDAGÓGICO
DO COORDENADOR DA EJA.**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica da Universidade de Brasília, como exigência parcial para a obtenção do grau de especialista em Coordenação Pedagógica, sob a orientação da Professora – Doutora Inês Maria M. Zanforlin Pires de Almeida e Tutora-orientadora Janaína Mota.

**BRASÍLIA - DF
2015**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Folha de Aprovação

Ana Lise Marques Petroceli

**O REAL, O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO NO FAZER PEDAGÓGICO
DO COORDENADOR DA EJA.**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Inês Maria M. Zanforlin Pires de Almeida – FE - UnB
(Professora-orientadora)

Profa. Dra. Janaína Mota Trindade – SEE/DF
(Tutora-orientadora)

Profa. Ms. Márcia Milhomens Chauvet – SEE/DF
(Examinadora externa)

Brasília, 19 de dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade desse curso e pelas bênçãos que me proporcionaram o desenvolvimento dessas ideias. Grata sou também a minha família, especialmente meu esposo Adriano, que tanto me incentivou para concluir o curso e me apoiou ouvindo minhas divagações. Às professoras Inês Maria e Janaína, que foram fundamentais para meu aprendizado e perseverança e aos colegas que foram parceiros nas discussões, nas fragilidades e no sucesso desse curso.

RESUMO

Esse trabalho vem falar sobre o papel do coordenador pedagógico nas demandas específicas da EJA – Educação de Jovens e Adultos - e na sua complexidade, assim como suas relações interpessoais e implicações. O tema está relacionado ao estudo sobre o fazer do coordenador pedagógico já que no momento essa função tem recebido atenção para estar legitimada, oficializada dentro do universo pedagógico, sendo de interesse pessoal o assunto. O objetivo geral é entender o conjunto de relações entre direção, coordenação, coordenador e professores e se constrói na escola mediante o grau de articulação entre esses setores, responsáveis pela educação que desenvolvimento do aluno na EJA, por meio da atuação do coordenador pedagógico. Para entender essa articulação, a psicanálise contribui como referência de entendimento de que essas relações são complexas, mas possíveis e que, diante desse emaranhado, há uma constante reconstrução dos laços entre o real, o simbólico e o imaginário a cada semestre. Por isso, a analogia com o nó borromeano, de Lacan. A pesquisa qualitativa foi desenvolvida, com questionários enviados a dois professores, o supervisor e o diretor da EJA, na escola pesquisada.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, coordenador pedagógico, Psicanálise.

SUMÁRIO

I - Introdução	Página 7
1.1 - Justificação da escolha do tema	Página 8
1.2 – Problema	Página 8
1.3 - Objetivo geral e específico	Página 9
II - Referencial Teórico	Página 9
2.1 - Marco teórico e legal referente ao Coordenador Pedagógico	Página 9
2.2 - A articulação da coordenação pedagógica no trabalho docente	Página 12
III - Metodologia e procedimentos da investigação	Página 17
IV - Coleta de dados	Página 19
V – Análise dos dados	Página 20
VI – Considerações Finais	Página 25
VII – Referencial Bibliográfico	Página 27
VIII – Apêndice	Página 29
IX – Anexos	Página 31

I - INTRODUÇÃO

A área de educação sempre me encantou! Desde criança meu olhar sempre foi para ensinar, ajudar, construir ideias com minhas bonecas e com minhas amigas. A infância é muito plena de fantasias e nada melhor que evidenciá-las por meio da expressão imaginária de nossos sonhos. A escola era um ambiente que me envolvia. Observava muito minhas professoras que, em sua maioria, eram mulheres. Guardei na memória o jeito, a fala, a expressão de sentimentos de muitas delas e claro, a maneira como davam aulas. A cada ano ficava ansiosa pelo recomeço. Sem dúvida, isso me chamava atenção: material novo, novos amigos, novos professores, escola nova.

Quando optei pela minha escolha profissional, não tive dúvidas em enveredar para o campo da educação. Fiz o curso de História na UnB, iniciei o curso de Direito em uma faculdade particular, mas não o concluí porque passei no concurso público da Secretaria e cá estou, desde então, como professora da rede pública e particular de ensino.

Desde 2013, tenho me envolvido com a coordenação pedagógica e aprofundado meus estudos nesse campo. Continuo como professora de História na rede particular e estou atuando como coordenadora pedagógica na EJA – rede pública – encontrando-me em uma tarefa muito complexa e cheia de desafios.

Alguns pontos que me chamam a atenção como coordenadora pedagógica são os problemas enfrentados pelos estudantes na EJA e o recomeço a cada semestre, como se fosse um ano letivo. Os problemas repetem-se na escola, com os professores e a gestão, outros aparecem como obstáculos no dia a dia para o aluno, fora de sua faixa etária/escolar. É sem dúvida uma corrida contra o tempo, já que muitos desejam “correr atrás do tempo perdido” e colocar-se assim, na condição de desenvolver-se profissionalmente o quanto antes. Para os agentes da

educação os desafios são latentes, como lidar com essa realidade e reconstruir seu fazer pedagógico a cada semestre, também correndo contra o tempo. E o foco, sendo o coordenador pedagógico, como lida com seus afazeres e com o afazer dos outros, sendo um articulador desse processo educacional. O emaranhado de atividades é sem dúvida complexo!

Ao entendermos que essas relações se desenvolvem em diferentes níveis entre o real, o simbólico e o imaginário, as relações entre os profissionais se firmam como complexas, mas são nessas experiências que se articulam de maneira harmoniosa e, por vezes, em conflito o desenvolvimento do projeto educacional na escola.

1.1 – JUSTIFICATIVA

A pesquisa envolve as impressões do coordenador pedagógico ao lidar com o real, o simbólico e o imaginário próprio e dos professores de escolas que trabalham com EJA na expansão de Samambaia, a cada semestre. Para isso, ela se desenvolveu em torno de quatro meses – entre agosto e novembro, do presente ano. O projeto de pesquisa pretende contribuir com a produção acadêmica nessa área, já que são poucos as referências bibliográficas sobre o fazer do coordenador pedagógico na realidade da EJA, analisando as condições de trabalho que se efetua a cada semestre. A viabilidade na pesquisa foi possível já que, esta, se realizou por meio da observação do dia a dia na escola, e entrevistas com professores e membros da Direção.

1.2 – PROBLEMA

A problematização da pesquisa envolveu as limitadas condições históricas e sociais para o fazer do coordenador pedagógico que precisa desenvolver sua função em meio às diferentes demandas da EJA a cada semestre: o planejamento pedagógico, a incapacidade do fazer pedagógico diante do tempo escasso, o cotidiano adverso que leva ao atraso constante dos alunos

por causa do trabalho, às faltas e ao abandono escolar; as diferenças de idade entre os estudantes e conseqüentemente as diferenças de mentalidade e comportamento; a falta de envolvimento e motivação dos estudantes e professores com as atividades da escola; as perspectivas dos professores em relação à educação e o recomeçar do ano escolar a cada semestre. Dessa forma, interrogamos como o coordenador pedagógico pode interferir no cotidiano da escola, tomando como base as condições psíquicas - o real, o simbólico e o imaginário, para atuar de maneira satisfatória em seu espaço/função profissional?

1.3 – OBJETIVOS

O objetivo geral é entender o fazer do coordenador pedagógico como possibilidade de construção de uma educação mais favorável ao estudante da EJA, a cada semestre, em parceria com os profissionais da escola e instituições envolvidas com esse universo.

Os objetivos específicos analisaram as construções simbólicas do coordenador pedagógico ao enfrentar um recomeço a cada semestre letivo na EJA, entender a realidade histórico-social dos alunos e professores, constatar os motivos que levam ao abandono ou desmotivação dos estudantes, assim como dos professores que não se envolvem com a possibilidade de novas atividades no noturno e perceber de que forma o fazer do coordenador pedagógico pode interferir nessa realidade a fim de cumprir seu papel de orientador e motivador das atividades escolares.

II - REFERENCIAL TEÓRICO

Referência legal para a função do Coordenador Pedagógico

O fazer do coordenador pedagógico envolve uma série de atitudes e atividades que estão relacionadas às suas funções oficiais, descritas em leis, decretos, planos, regimentos, projeto político pedagógico e outros que fazem referência a esse universo, assim como ao consciente e inconsciente da pessoa/coordenador pedagógico.

No Seminário de abertura do II Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, FILHO (2014) toma como referência legal o Regimento Escolar da Rede Pública de ensino do Distrito Federal de 2014, para esclarecer as atribuições do coordenador pedagógico. Orientou o grupo de professores que visse a Escola não como uma escola de samba, que o puxador toca o apito e todo mundo canta o mesmo samba enredo, mas como um local de pluralidade e complexidade. Para que se tornasse viável as ações do CP – Coordenador Pedagógico, era necessário a este que, em parceria com a Direção, a equipe pedagógica e os professores, todos se responsabilizassem em: 1) conhecer a Escola Real; 2) observar a pluralidade e complexidade da escola; 3) conhecer as leis internas e externas; 4) usar concepções técnicas a seu favor, à favor da educação; 5) analisar os contextos externos (político, social, econômico) e internos (pessoas, cargos, funções e estruturas de poder) e integrasse todos eles.

O contexto da abordagem de FILHO (2014) é tão amplo e, ao mesmo tempo tão focado, que, para buscar o objetivo geral dessa monografia, seguimos a mesma trilha para o estudo da identidade e das atribuições do Coordenador Pedagógico - CP.

Segundo o Regimento Escolar da Rede Pública de ensino do Distrito Federal, já de 2015, o artigo 120 esclarece as atribuições do CP:

I. elaborar, anualmente, Plano de Ação das atividades de Coordenação Pedagógica na unidade escolar;

- II. participar da elaboração, da implementação, do acompanhamento e da avaliação do Projeto Político Pedagógico - PPP da unidade escolar;
- III. orientar e coordenar a participação docente nas fases de elaboração, de execução, de implementação e de avaliação da Organização Curricular;
- IV. articular ações pedagógicas entre os diversos segmentos da unidade escolar e a Coordenação Regional de Ensino, assegurando o fluxo de informações e o exercício da gestão democrática;
- V. divulgar e incentivar a participação dos professores em todas as ações pedagógicas promovidas pela SEEDF;
- VI. estimular, orientar e acompanhar o trabalho docente na implementação do Currículo da Educação Básica e das Orientações Pedagógicas da SEEDF, por meio de pesquisas, de estudos individuais e em equipe, e de oficinas pedagógicas locais, assegurando a Coordenação Pedagógica como espaço de formação continuada;
- VII. divulgar, estimular e apoiar o uso de recursos tecnológicos no âmbito da unidade escolar;
- VIII. colaborar com os processos de avaliação institucional, articulando os três níveis de avaliação, com vistas à melhoria do processo de ensino e aprendizagem e recuperação dos rendimentos/ desempenho escolar.

PLACCO E ALMEIDA (2010) ao analisar o retrato do coordenador pedagógico brasileiro, apresentam na introdução da sua obra as nuances das funções articuladoras e transformadora. Elas falam do papel do coordenador como articular entre os agentes pedagógicos e agente transformador na educação. Para isso citam Dubar e sua obra, com as seguintes considerações:

“Sociólogo francês que estuda as identidades no trabalho, entende que, no processo de constituição da identidade, concomitante e continuamente, assumimos várias identidades, a depender do contexto em que estamos, das atribuições feitas e de nossa identificação ou não com esse contexto e atribuições. Assim, estabelece-se um contínuo ‘movimento de tensão entre os atos de atribuição (que correspondem ao que os outros dizem ao sujeito que ele é e que o autor denomina de identidades virtuais) e os atos de pertença, em que o sujeito se identifica com as atribuições recebidas e adere às identidades atribuídas. Enquanto a atribuição corresponde à identidade para o outro, a pertença indica a identidade para si, e o movimento de tensão se caracteriza, justamente, pela oposição entre o que esperam que o sujeito assuma e seja, e o desejo do próprio sujeito em ser e assumir determinadas formas identitárias. (PLACCO, ALMEIDA, SOUZA 2011, P. 239).”

As autoras desenvolvem suas considerações acerca da identidade do coordenador pedagógico com base no contexto que atua, com sua história individual e social e sua adesão ou pertença, articulado com seus atos de atribuição.

“A análise desse movimento identitário permite uma melhor compreensão de como faz face aos desafios da profissão e supera a tensão entre as atribuições que lhe são feitas e as identificações/não identificações que assume em relação a essas atribuições.”

Quando falamos em identidade, pensamos ainda que não há um perfil sistematicamente definido para o coordenador pedagógico. É uma profissão recentemente normalizada nos textos legais, como afirmam PLACOO e ALMEIDA (2010). A começar pela formação para o cargo. Os coordenadores são na verdade, professores que assumem esse papel no âmbito da escola. São raros os cursos de formação para esse profissional. Podemos citar o caso desse curso, que vivenciamos, sendo o II Curso de Especialização para Coordenador Pedagógico, ministrado pela Universidade de Brasília, voltado para professores da rede pública.

A articulação da coordenação pedagógica no trabalho docente

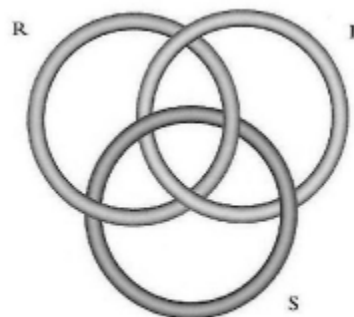
Além desse conjunto de leis, que cria a identidade e oficializa as funções do coordenador pedagógico, temos as impressões pessoais que são desenvolvidas entre o real, o simbólico e o imaginário, entre o consciente e o inconsciente do CP. Essas construções são forjadas a cada semestre letivo da EJA pelo próprio coordenador e pelos professores.

Para fazermos uma analogia a esse enredo psicanalítico, pensemos na construção de um castelo de areia. O artesão que vai construir o castelo de areia é o coordenador pedagógico, que precisa organizar todas as condições para que esse castelo seja construído: o local, o tempo, a areia, os instrumentos. Ele sabe que o castelo deve ser construído próximo ao mar porque em

determinado momento as ondas irão tomar conta desse castelo e envolvê-lo em si. As ondas são o mundo, onde a areia – que são os estudantes – passarão a compor esse mar. A areia será engolida pelas ondas. E os instrumentos utilizados para essa construção são os professores, a escola, o material didático, enfim, tudo que for necessário para a construção desse castelo, que é a educação.

Quem é esse artesão? A identidade desse artesão/coordenador é entendida pelo olhar do próprio artesão, pelas suas funções e pelos professores que trabalham com ele. Para DUBAR (1997), o processo de socialização permite compreender a noção de identidade numa perspectiva sociológica restituída numa relação de identidade para si e identidade para o outro.

O artesão/coordenador precisa estar em condições de construir esse castelo a cada semestre letivo da EJA, ou seja, a cada seis meses um castelo deve ser construído, independente de o artesão estar doente, do clima não estar bom, das ondas estarem violentas, do material estar enferrujado. O desejo do artesão/coordenador é que seu castelo seja o mais bonito, o mais desenvolvido possível. Dessa forma, é necessário que o coordenador perceba o que ele realiza, o que pode fazer e o que deseja que seja feito. É a interação entre o real, ou seja, a escola em que atua, o material disponível que utiliza, as demandas cotidianas como falta de alunos, professores, de funcionários e o imaginário, que é o que deseja que seja, o que espera, que irá definir o simbólico, como figura no nó borromeu de LACAN (1972): o real, o simbólico e o imaginário.



Nó borromeu: (R) Real, (S) Simbólico e (I) Imaginário.

Figura 1

SANTANA (2011, p.6), em seu artigo para o LEPSI – Colóquio do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância - IP/FE – USP (2011), conceitua os três campos do nó borromeu da seguinte forma:

O real está no campo da impossibilidade, da incompletude e não pode ser simbolizado. Já o simbólico, “(...) é uma conversão, com o qual o significantes e o significado mantêm uma relação de complementariedade e permuta ao materializar aqueles objetos que, até então, eram estranhos para aquele grupo” (PINTO, 2009, P. 29). Ou seja, o simbólico é a palavra, é o que se pode dizer. O imaginário está ligado à idealização, à fantasia, à imagem. Os três construtos permeiam esse fazer da falta, da fala e da idealização.

O trabalho do coordenador pedagógico envolve uma carga de experiências e emoções que podem ser compreendidos com vistas a essa analogia. O real é o que ele vive no seu dia a dia, na sua labuta, na escola. Sendo o que vive, é a correria, seus afazeres como confirmar o horário e a presença dos professores, receber os alunos na entrada da escola, atender telefones que tocam, conferir se o lanche está disponível para ser consumido, olhar os e-mails e whatsapp no horário escolar e tomar as devidas providências necessárias. É um trabalho que se (com)funde com o burocrático, com o administrativo, com o de supervisionar o que se faz necessário. Conforme

CLEMENTI (2001, p. 62-63) cita no texto como sendo o que o coordenador vive, mas não consegue verbalizar, o desejo pela incompletude, pela integralidade. O simbólico é o que se verbaliza, o que se torna conhecido para o universo que se dispersa. É a troca que se manifesta no grupo, como o stress, o cansaço, a união, a discussão, sendo parte integrante desse nó, assim como, finalmente o imaginário, a idealização, o que se espera desse universo.

O construtor do castelo precisa trabalhar. Ele vive (o real) na sua praia a construção do castelo de areia. Ele escolhe suas ferramentas e retoma o que tem para fazer, como olhar o tempo, juntar a areia, pegar a água do mar, limpar o local para finalmente “bater o sinal” e começar sua obra. Já com suas ferramentas, ele conversa com elas (simbólico), e as aperta, as alisa para ver se as ferramentas podem apresentar o seu melhor desempenho. Ele imagina (imaginário) o castelo mais lindo do mundo, construído por ele! Ele espera que a onda do mar não destrua o castelo, ele espera que as pessoas que frequentam a praia vejam seu castelo e observem o quanto ele é bonito, bem trabalhado. Ele idealiza um castelo forte, que possa servir de modelo e inspiração para outros artesãos que desejam fazer um castelo também. Todo esse enredo faz parte da praia, da escola.

SANTANA (2011, p.5) apresenta em seus estudos, ainda, essa conotação:

“Existe uma tensão permanente entre o que a escola pode realizar e o que a sociedade espera dela. E uma vez que o coordenador pedagógico é gestor do projeto da escola, se torna responsável por atender os anseios dessa sociedade. Isso gera uma ansiedade aos coordenadores, Clementi (2001, p. 61) afirma que: "De forma geral, reclamam sobre a falta de tempo, o stress e a ansiedade decorrentes do desejo de fazer tudo o que precisaria ter feito". Às vezes o coordenador tem seu fazer pautado numa rotina de trabalho que nem sempre é respeitada pelos outros atores escolares, que solicitam esse profissional para atuar em outras frentes, impedindo que o mesmo se centre nas funções de formação e organização do trabalho pedagógico.”

Essa tensão que atormenta o coordenador pedagógico, leva ao mal-estar que FREUD (1930) fala. Esse sintoma é movido pela idealização que se afasta da concepção de felicidade, já que essa tensão gera desconforto, ou seja, a falta de prazer. Em sua obra, FREUD (1930, p.20) afirma

“É bem menos difícil experimentar a infelicidade. O sofrer nos ameaça de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis e destruidoras; e, por fim, das relações com outros seres humanos. O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos ainda mais dolorosamente que qualquer outro; tendemos a considera-lo um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão fatidicamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem”.

Muitas vezes, o artesão/coordenador já tem um plano básico para a elaboração do seu castelo. Sua engenharia está definida no Plano Político Pedagógico da sua escola. Mas seus instrumentos nem sempre estão em perfeito estado. Ele não escolhe esses instrumentos. Eles estão ali, no seu local de trabalho para que os utilize, manuseie, organize da melhor forma.

O artesão/coordenador se identifica com alguns de seus instrumentos, com alguns de seus professores. Para FREUD (1921, p. 28), a identificação foi entendida como “a manifestação mais precoce de uma ligação emocional com outra pessoa”. Em analogia com os instrumentos, o artesão/coordenador manuseia muito bem determinados instrumentos porque se identifica com eles. Estes, por sua vez, podem estar bem afiados e novos para aparar de maneira perfeita as arestas do castelo, dando seu formato ideal, mas podem estar velhos, desgastados e até mesmo enferrujados pela areia, pelas ondas do mar.

As diferentes demandas a cada semestre, as ondas da vida, trazem dificuldades para a construção do castelo. FREIRE (1996, p. 24) deixa isso muito claro ao afirmar que “ensinar não é

transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Não é permitido, ao artesão/coordenador pegar um castelo pronto e colocá-lo próximo ao mar. É preciso estar aberto para criar esse castelo e construí-lo com base numa série de predisposições: criticidade, estética, ética, pesquisa, reflexão crítica, bom-senso, curiosidade, liberdade, autoridade. Pensando na EJA, FREIRE (1996, p. 69) ressalta “se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar em relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado à espera de superação.”

Assim como a psicanálise ajuda o professor a entender sua prática docente a partir da sua infância, da mesma forma ela ajuda o coordenador pedagógico a reconhecer os limites reais da sua prática, imaginando suas possibilidades e simbolizando com seus pares o que pode ser feito. Percebe-se dessa forma, que o seu fazer é pautado em avanços e retrocessos gerados por si mesmo, pelos atores escolares ou pelo próprio sistema. Essa percepção lhe permitirá questionar constantemente sobre esse fazer, sua formação, suas relações, sua postura e suas prioridades. Portanto, será tão mais fácil desempenhar a função, havendo reflexão sobre o conhecimento associado à prática profissional, desenvolvendo a capacidade de pensar o real, o simbólico e o imaginário.

III - METODOLOGIA

A Metodologia desenvolvida nessa pesquisa buscou trazer a psicanálise para o campo do fazer pedagógico. A Educação é parceira de várias áreas do conhecimento e a psicologia ganhou muito espaço na educação, desde o século XX. Atualmente a psicanálise é abordada para também trazer à tona suas contribuições.

O interesse pela psicanálise foi oportunizado por esse curso de especialização e o contato com as obras de Freud e os escritos sobre a obra de Lacan validaram o caminho para se chegar ao proposto. Não no sentido de concluir um estudo ou de verificar hipóteses, como outras ciências fazem, mas com a finalidade de perceber como o universo do coordenador pedagógico é tão intenso e complexo em seu cotidiano.

Para melhor entendimento desse universo, a psicanálise soma suas contribuições analisando os significados das relações, ações e impressões dos professores, membros da direção e coordenador pedagógico no semestre letivo, percebendo como o CP interpreta sua intervenção com a construção simbólica, real e imaginária do seu fazer pedagógico, nas relações com os professores e na educação de modo geral, lidando com as demandas velhas e novas a cada semestre letivo.

Ao aprofundar o conhecimento sobre a pesquisa qualitativa percebemos que esta não se preocupa com dados quantificados ou com a necessidade de comprovação dos fatos. Sua abordagem centra-se na “compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Assim, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”, conforme texto sobre Metodologia, indicação bibliográfica do curso, adaptado conforme os endereços eletrônicos citados nas referências bibliográficas .

Ainda foi feita uma analogia com o artesão e a construção de um castelo de areia, para agradar ainda mais as percepções da psicanálise no contexto da educação.

COLETA DE DADOS

A coleta dos dados da pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Fundamental 427 de Samambaia, onde funciona, no noturno, a Educação de Jovens e Adultos.

O momento de pensar sobre as técnicas e instrumentos para que fosse possível conseguir as informações, ou seja, os dados que permitiram observar o que se pesquisa, coincidiu com o a greve, que se instalou na rede pública de ensino do Distrito Federal, no dia 15 de outubro, e, assim, a coleta de dados foi adiada. Os professores aderiram à greve, a escola fechou e o contato entre os profissionais da educação ficaram restritos às assembleias ou ao WhatsApp. Ao que parece, o artesão teve que parar com a obra para poder ter acesso à água, comida e buscar condições de trabalho para continuar a construção de seu castelo.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários, feitos por email, com o diretor do CEF 427, com o supervisor do noturno e com dois professores antigos da casa. A escolha das pessoas que foram entrevistadas está relacionada ao cargo que desempenhavam na época que a pesquisa foi realizada e pela disponibilidade dos professores em participar desta. Outros professores eram temporários e outros não se mostraram interessados em responder ao questionário.

A escola é constituída por um conjunto de vivências que pode ser percebida pelos seus aspectos físicos, pedagógicos, administrativos e emocionais. O quadro de profissionais é pequeno no noturno. Na escola funcionam seis turmas de EJA, sendo 7º ano, 8º ano, 9º ano e 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Temos ao todo 14 professores – dois professores de Português, dois de Matemática, um de Geografia, um de História, um de Artes, um de Inglês, um de Educação Física, um de Física, um de Biologia, um de Química, um de Ciências e um de Filosofia e Sociologia. Na direção, participam do turno um supervisor pedagógico, um orientador, um supervisor administrativo, um coordenador, um auxiliar e uma bibliotecária.

A equipe da cantina é composta por duas merendeiras. O guarda noturno acompanha as atividades cuidando da abertura dos portões e vigilância. Há uma lanchonete com seu responsável que vende lanches e guloseimas até o fim do intervalo, 21:30 horas.

O horário real das atividades se dá entre 19 horas e 22:30 horas.

IV – ANÁLISE DOS DADOS

Pensar no papel do coordenador pedagógico é trabalhar o simbólico e o imaginário já que o real é vivenciado, e isso traz um conjunto de reflexões e até projeções sobre escola e educação.

A escolha do coordenador pedagógico no CEF 427 é feita por eleição anual. No início do ano letivo, quando os professores escolhem as turmas, o grupo elege um coordenador dentre aqueles que se predispõem ao cargo. Não há uma disputa para ser coordenador pedagógico já que poucos se interessam e, de maneira muito tranquila, os professores conversam, trocam ideias e uma pessoa já aparece como candidato no final do ano letivo anterior.

A relação entre professores e coordenador é cotidiana. Assim como o contato entre o coordenador e o aluno também. Como o foco da pesquisa envolve o fazer pedagógico e seu envolvimento com o real, o simbólico e o imaginário do CP e a coleta de dados foi desenvolvida no final da greve, as entrevistas ficaram reservadas aos profissionais da educação, sem a participação dos estudantes.

Os questionários oferecidos contaram com cinco questões direcionadas à reflexão do trabalho pedagógico do coordenador e sobre a Educação de Jovens e Adultos em nossa escola. Os entrevistados se mostraram solícitos a fim de responder às questões e logo mandaram suas ideias.

Os entrevistados ficam assim conhecidos:

D1- Diretor do CEF 427 – Paulo

S1- Supervisor do Noturno – Serafim

P1 - Professora de Matemática – Verônica

P2 - Professor de Física – Eduardo

A comunidade está localizada na expansão de Samambaia. É uma comunidade simples que abriga uma escola com os três turnos em funcionamento. A EJA já está presente há mais de 10 anos, acompanhando as demandas da comunidade. Ao tomar conhecimento da percepção que o supervisor Serafim – S1 tem da EJA na escola que trabalha, ele faz uma abordagem da comunidade no primeiro momento e, logo em seguida, se remete a EJA em si. Ele afirma que

“Esta pergunta é bastante ampla e subjetiva, mas tentarei responder da forma mais objetiva possível. Trabalho no CEF 427 de Samambaia desde o ano de 2007. Já tenho uma experiência suficiente para conhecer as potencialidades e as fraquezas de nossa escola. É uma escola de periferia, situada nas últimas quadras da cidade de Samambaia-DF. A escola está em uma região onde a comunidade é bastante carente de recursos econômicos e financeiros, mas também é carente de cultura educacional. Muitos pais de alunos adolescentes enxergam a escola como um mero “depósito” de crianças, ou uma creche próxima de casa. Não valorizam a escola e a educação de seus filhos. São movidos apenas pela busca de direitos e pela obtenção de notas e certificados de conclusão. Não importa se o aluno aprendeu. Não importa se o aluno desrespeitou seus professores ou a direção da escola. O importante é “passar de ano”. Isso gera inúmeros problemas na escola, relacionados à violência dentro e fora da escola, uso de drogas, pais ausentes do cotidiano escolar, evasão, infrequência, excesso de advertências e suspensões de alunos por desrespeito a professores, etc.”

Sobre a EJA, S1 continua

“Outra realidade de nossa escola é a dos alunos adultos, que geralmente chegam para estudar diretamente do trabalho. Esses alunos são mais comprometidos com a rotina da escola, mas passam por dificuldades familiares, do trabalho, horários, etc. Estas dificuldades geram um número significativo de alunos que desistem de estudar. Os professores fazem o possível para motivar nossos alunos a continuar seus estudos e

fazer uma faculdade. Sabemos que poucos alunos seguem esse caminho, porque a maioria está interessada em um diploma apenas para conseguir um emprego ou uma promoção ou ainda tentar um concurso público de nível médio.

Além disso tudo, ainda enfrentamos os problemas administrativos criados por governos que não compreendem como uma escola funciona satisfatoriamente: salas com mais de 45 alunos, professores desmotivados ou doentes, falta de materiais pedagógicos, falta de manutenção na escola, falta de professores, etc.”

A realidade que S1 descreve é parte do que é real e parte do que é simbólico: é uma comunidade de periferia (real) e entende-a como “carente de recursos econômicos e financeiros, mas também é carente de cultura educacional” (simbólico). Além disso, afirma que essa visão é subjetiva, considerando que sua abordagem é pessoal, mas sua experiência na escola torna-se uma aura que lhe dá legitimidade para afirmar suas considerações, segundo ele.

O dia a dia da EJA traz uma série de problemas que afetam o desenvolvimento do aluno e seu acesso e permanência na escola. As demandas mais complexas envolvem atrasos por causa do trabalho, baixo rendimento, uso e tráfico de drogas, no portão da escola e até dentro dela, comportamento inadequado em sala, evasão escolar.

Essa análise, que é feita pelos professores e supervisor, envolve o coordenador pedagógico em uma das suas funções. Foi solicitado a eles que descrevessem a função do coordenador pedagógico, segundo suas visões práticas e do cotidiano escolar: “ouvir as demandas dos alunos”, como afirma o professor Eduardo – P2. Os professores esperam que o coordenador auxilie os alunos. Eles entendem que o coordenador deve escutar o que o aluno deseja falar, esclarecer, pedir e que isso seja articulado com os professores.

P2 afirma: “O coordenador apoia, orienta, reúne, auxilia, transmite, esclarece e conecta os professores entre si, suas áreas, com a Direção, alunos, comunidade e órgãos externos à instituição de ensino.”

Quando falamos da função do coordenador pedagógico, não é possível utilizar um verbo apenas! Ele reúne uma série de atribuições, definidas no Regimento Escolar da Rede Pública de ensino do Distrito Federal, na fala dos entrevistados, nos documentos oficiais, que ressaltam a criatividade de um legislador. Ele elabora, participa, orienta, articula, estimula, divulga, colabora... assim como o artesão, na busca de seu castelo perfeito, utilizando suas ferramentas, também precisa desenvolver vários trejeitos como aparar, raspar, montar, reunir, formar, moldar sua areia. Alguns desses verbos são reais, outros simbólicos e outros imaginários.

A visão sobre uma educação de qualidade na EJA hoje é definida pelos entrevistados como “tornar a escola mais atraente e acolhedora para o aluno”, conforme P1. “Deveria haver mais segurança na escola e nas suas imediações, dependendo da comunidade em que está a escola, já que a insegurança é responsável por um pequeno índice de evasão escolar”, conforme P2. Está subentendido, mas claro ao mesmo tempo, que o coordenador contribua para o alcance de uma educação de excelência.

Para explorar ainda mais o universo imaginário dos entrevistados, o Diretor – D1 foi questionado sobre os limites da atuação do coordenador pedagógico na escola. Ele considera

“Eu vejo que não tem limite, a cada nova dificuldade que surge, os coordenadores são desafiados a encontrarem soluções, e encontram, ou seja, é dinâmico, todo dia é um desafio.”

O coordenador pedagógico é desafiado constantemente em suas atribuições. São inúmeras as funções e as possibilidades que esse profissional pode desempenhar, porém, deve haver uma preocupação com suas limitações. FREIRE (1996, p.74) afirma que

“o mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências.”

O supervisor do noturno esclarece, a partir de aspectos que percebe das mudanças e continuidades do trabalho do coordenador pedagógico a cada semestre, os seguintes aspectos

“O coordenador pedagógico é a pessoa que deve ter aquela ‘sensibilidade’ em relação à rotina da escola: o contexto social da comunidade, o desempenho dos alunos e as demandas dos professores e do Projeto Político Pedagógico. Por isso, cabe ao coordenador propor mudanças, cuidar do que é avaliado como satisfatório e corrigir erros. Tudo isso exige experiência e maturidade do coordenador, que atuará como mediador de todos os agentes que atuam na escola. Na modalidade EJA, esta relação é mais estreita ainda, pois o coordenador tem a oportunidade de, a cada semestre, rever seus conceitos e propor melhorias nos projetos e na prática pedagógica dos professores. Por isso é tão importante que todos os projetos, ações e atividades da escola sejam pensados e orientados pelo coordenador pedagógico junto com o corpo docente, com o objetivo de fomentar e orientar estudantes cidadãos e autônomos. Somente eles é que conhecem a realidade da escola. Frequentemente ouvimos falar de projetos governamentais que fracassam porque não observam este detalhe: cada escola é diferente da outra. Cabe ao coordenador perceber isso e direcionar seu trabalho para obter o melhor desempenho possível de seus estudantes.”

A contribuição do supervisor Serafim elucidou, de forma bem mais abrangente, as características do trabalho do CP. Ele observa o que há de mais simbólico em seu trabalho. Começa falando sobre a ‘sensibilidade’ em relação à rotina da escola. O CP precisa estar aberto para entender, perceber e vivenciar o contexto da comunidade e da própria rotina escolar. Não é possível um CP atuar no ambiente escolar se estiver preso a um trabalho burocrático ou administrativo dentro de uma sala de coordenação. Assim como, precisa relacionar-se com os outros agentes que atuam na escola. Os professores, de modo especial.

S1 afirma que na modalidade EJA, as relações são mais estreitas porque a cada semestre o CP tem possibilidade de rever suas ideias e práticas, assim como de propor melhoria na prática dos professores. Fazendo-se mais estreitas estas relações, temos um processo de identificação, como já foi citado por FREUD (1921, p. 28). A identificação sendo entendida como “a manifestação mais precoce de uma ligação emocional com outra pessoa”.

Um dos aspectos reais dessa relação é o fato que constantemente há mudança de professores na EJA de Samambaia atualmente. São professores que se aposentam, que entram de licença médica, que são temporários e permanecem pouco tempo nessa escola, já que esta é uma escola de periferia, distante dos grandes centros do DF e poucos professores desejam permanecer. É comum ser enviado um professor substituto, quando a licença é longa ou em caso de remoção e aposentadoria. Mesmo assim, a demora da Regional de Ensino em encaminhar um professor substituto é grande. Não há dúvidas que os laços de identificação ficam frouxos e o trabalho se desenvolve com bastante atropelos.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada buscou o universo do coordenador pedagógico e suas relações no trabalho com a Educação de Jovens e Adultos. É necessário perceber como a pesquisa é importante. FREIRE (1930, p. 31) ressalta que “Pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

O fazer do coordenador pedagógico envolve seu universo real, simbólico e imaginário. As entrevistas ressaltam as diferentes visões, mas com evidências precisas: a complexidade do fazer do coordenador e a necessidade de articulação com os agentes educadores.

Um dos objetivos nessa pesquisa foi analisar os vários universos do coordenador pedagógico. Não há possibilidade de separar o real, o simbólico e o imaginário das relações experimentadas na escola. A realidade histórico-social dos alunos e professores é latente. O cotidiano é dominado por problemas que dificultam o acesso à escola. O estudante da EJA precisa administrar sua vida escolar, sua vida familiar e sua vida na comunidade. O trabalho e

suas demandas pessoais fazem com que a escola fique em segundo plano e os coordenadores, aliados aos professores, servem como escuta para esses problemas na esperança de entendê-los ou simplesmente aceitar as limitações do aluno. Um dia de atraso o aluno volta para casa, no outro, o estudante entra na escola apesar do atraso. Constatar os motivos que levam ao abandono ou desmotivação dos estudantes é na verdade, conversar com o aluno, ouvir seus problemas e incentivá-lo, na medida do possível, para que não desista. O professor e a sociedade de modo geral, esperam isso do coordenador pedagógico.

Os professores que não se envolvem com a possibilidade de novas atividades no noturno são parte dessa situação de desespero diante dos diversos problemas e dificuldades que a EJA enfrenta. Eles conseguem definir esses problemas quando apontam para a questão das drogas, a falta de defasagem dos alunos da EJA, que ficam anos sem estudar e quando voltam precisam aprender muito em tão pouco tempo e, está claro, que cabe ao coordenador pedagógico o papel de articulador no processo de ensino-aprendizagem. É como foi citado na analogia do artesão construtor de castelos: o coordenador manuseia o instrumento que mexe com a areia.

É possível perceber que o fazer do coordenador pedagógico pode interferir nessa realidade a fim de cumprir seu papel de orientador e motivador das atividades escolares, na forma de um intermediador, articulador, ouvinte, falante. As reuniões pedagógicas e as reuniões individuais servem para esse fazer.

Dentro da psicanálise, a idéia está clara ao remeter o fazer pedagógico à experiência, à sensibilidade do coordenador na sua labuta. Ele precisa disso para manter suas relações simbólicas e, de alguma forma, corresponder e até suportar esse lugar idealizado junto às construções imaginárias. O coordenador não vive apenas o que é real. Ele recarrega suas baterias nas relações simbólicas, onde a linguagem é manifestada e as trocas são intensas, seja com os

alunos ou com os professores. O imaginário, sendo a fantasia torna possível o fazer do coordenador pedagógico. Ele percebe assim suas limitações! Sua incompletude.

Entendendo o fazer do coordenador pedagógico como um nó, uma junção entre o real, o simbólico e o imaginário, mediante a sensibilidade com as demandas complexas do dia a dia da EJA é possível a construção de uma educação mais favorável. A parceria com os profissionais da escola e instituições envolvidas com esse universo manifesta-se nas reuniões, discussões, ações diretas no universo escolar. Um exemplo disso é a visita constante do batalhão escolar ao CEF 427. Outro exemplo é o Projeto escolar desenvolvido a cada semestre, onde os professores conversam com os alunos sobre os assuntos que desejam abordar e articulam com o coordenador meios para que isso se materialize. Existe uma brecha favorável ao diálogo diante da correria do semestre.

O coordenador pedagógico deve ser dinâmico, como afirma o D1. Mas precisa também ser criativo, ativo, receptivo, aberto às necessidades e mudanças pessoais e institucionais. Essas questões não estão definidas nas leis, no Regimento Escolar, no Plano Político Pedagógico. Elas se desenvolvem na experiência do cotidiano. “Quanto mais se faz, mais se aprende”, como diz o ditado popular. E o mais interessante é quando o coordenador busca essa transformação própria, que reflete em seu ambiente de trabalho e na concepção de educação que temos hoje.

A cada semestre o quadro de profissionais nas escolas públicas se renova. Muitos professores trocam de escola e outros permanecem, abertos ou não a essas mudanças. O coordenador pedagógico deve promover essa abertura, entre o antigo e o novo, e, para isso, conduzir as relações em uma ambiente saudável e alegre, promovido por meio do diálogo e troca de experiências. Nem sempre isso se desenvolve de maneira tranquila. Muitas pessoas são fechadas, isoladas e participam de atividades estritamente necessárias. Os laços pessoais ficam soltos e o coordenador pode amarrá-los mais fortemente com apoio da equipe, propondo

inclusive atividades, dinâmicas, festividades e comemorações no espaço escolar, que envolvam as dimensões subjetivas das pessoas. À medida que cada um apresenta um pouco de si, de sua história, do seu fazer, as pessoas se aproximam e se envolvem com o real, o simbólico e o imaginário interpessoal.

VI – REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- Regimento Escolar da Rede Pública de ensino do Distrito Federal de 2015.

- FILHO, José Leão Falcão Marinho. Seminário de Abertura do II Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica. Setembro de 2014.

- DUBAR, C., A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- FREUD, Sigmund. 1930. - O Mal-estar na civilização / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. 1a ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

- 1921, Psicologia das Massas e análise do eu. / Sigmund Freud; revisão técnica e prefácio de Edson Sousa, ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa - Porto Alegre, RS. L&PM Pocket; v. 1106.

- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire – 50ª Ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

- LACAN, J.(1974/1975). RSI. Le Seminaire.

- PLACCO, V. M. S. N.; ALMEIDA, L. R. ; SOUZA, V. L. T. (Coord). Desafios ao coordenador pedagógico no trabalho coletivo da escola: intervenção ou prevenção? In: PLACCO, V. M. S. N.; ALMEIDA, L. R. (Coord). O Coordenador pedagógico e os desafios da educação. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2010 a. p. 25-36.
- SANTANA, Poliana Marina, Mascarenhas de. Enodam-se os nós: o real, o simbólico e o imaginário no fazer do coordenador pedagógico. Colóquio da LEPSI do IP/FE- USP, 2011

Sites

- Acessado em 10/11/15. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007 (Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta)
- Texto adaptado das seguintes fontes:
- www.uefs.br/disciplinas/let318/abordagens_metodologicas.rtf
- <https://books.google.com.br/books?isbn=8538600710>
- http://www.unisc.br/portal/images/stories/a_unisc/estrutura_administrativa/nupes/pesquisa_qualitativa.pdf

VII – APÊNDICE

Coleta de Dados – Questionário

Diretor

- 1) Descreva a função do Coordenador Pedagógico, segundo sua visão de Gestor.
- 2) Como você percebe a Educação de Jovens e Adultos na escola que você trabalha?
- 3) Quais os desafios mais pertinentes na EJA para uma educação de qualidade atualmente.

- 4) Como o Coordenador Pedagógico pode desenvolver suas atribuições de modo que possa promover uma educação mais favorável ao estudante da EJA.
- 5) Quais os limites da atuação do CP na escola?

Supervisor

- 1) Como você percebe a Educação de Jovens e Adultos na escola que você trabalha?
- 2) Descreva a função do Coordenador Pedagógico na EJA, segundo sua visão prática e cotidiana na escola.
- 3) Quais as demandas mais complexas da EJA, que aparecem como desafios para o trabalho do Coordenador Pedagógico?
- 4) Como você percebe a relação do Coordenador com a equipe pedagógica como um todo?
- 5) Em que aspectos você percebe as mudanças e continuidades do trabalho do coordenador pedagógico EJA a cada semestre.

Professor

- 1) Descreva a função do Coordenador Pedagógico na EJA, segundo sua visão prática e cotidiana na escola.
- 2) Como você analisa a relação que deve existir e a que de fato existe entre o Coordenador Pedagógico e a equipe de professores?
- 3) Quais as demandas mais complexas da EJA na escola que você trabalha?
- 4) Apresente sua visão sobre uma educação de qualidade na EJA hoje.
- 5) Descreva características do estudante de EJA na escola que você trabalha.

VIII – ANEXOS

- **Figura 1** - http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982010000100003, acessado em 25-11-15.

ENTREVISTAS PREENCHIDAS

Professor 1 – Verônica.

- 1) Descreva a função do Coordenador Pedagógico na EJA, segundo sua visão prática e cotidiana na escola.

A principal função do Coordenador Pedagógico na EJA é contribuir para processo de ensino-aprendizagem, promovendo a melhoria na qualidade de ensino e no ambiente escolar, aprimorando o momento da coordenação pedagógica, desenvolvendo projetos educativos específicos, entre outros. O profissional deve apoiar os docentes, no que tange as ações e proposições da prática educativa e a formação continuada dos professores.

- 2) Como você analisa a relação que deve existir e a que de fato existe entre o Coordenador Pedagógico e a equipe de professores?

O coordenador deve contribuir para um ambiente participativo entre a equipe de professores, sendo articulador e mediador de mudança, mobilizando os docentes a serem agentes transformadores. O coordenador deve ser parceiro e não apenas fiscalizador. A relação é harmônica entre o coordenador pedagógica e a equipe de professores dentro do CEF 427, onde o dialogo e a comunicação ocorre na solução de problemas que surjam, bem como nas trocas de experiências para utilização de melhores práticas.

- 3) Quais as demandas mais complexas da EJA na escola que você trabalha?

Os alunos trabalhadores da EJA pedem por posturas mais flexíveis quanto ao horário para início das aulas e suas frequências. Almejam aquisição de conhecimentos valorizando o cotidiano escolar e ainda formação técnica profissional para integrá-los no mercado de trabalho formal, onde seus direitos trabalhistas sejam assegurados e obtém salários melhores.

- 4) Apresente sua visão sobre uma educação de qualidade na EJA hoje.

Uma educação de qualidade na EJA possui metodologias adequadas com currículo apropriado para EJA, com ensino que considere as experiências de vida e a diversidade do segmento, tornando a escola mais atraente e acolhedora ao aluno da EJA.

Vale ressaltar que a disponibilização de recursos pedagógicos e melhores estruturas físicas das escolas facilitam a realização de atividades escolares.

Como consequência, o estudante teria avanço da sua capacidade criativa e produtiva como cidadão e trabalhador, propiciando a permanência dele na escola e a diminuição da evasão escolar.

5) Descreva características do estudante de EJA na escola que você trabalha.

Os estudantes da EJA do CEF 427 da Samambaia apresentam diversidade acentuada e fazem parte de uma comunidade carente, passando por dificuldades financeiras. Na sua maioria são trabalhadores e possui dependentes para sustentar. Grande parcela dos alunos do ensino regular diurno são estudantes da EJA. Os que não desistem de estudar possuem força de vontade e persistência em estudar.

Existem aqueles que são jovens ainda e não possuem consciência da importância do estudo. Vão à escola por serem obrigados pelos pais.

Professor 2 – Eduardo

1) O Coordenador Pedagógico é extremamente importante numa escola, pois desempenha várias atividades que demandam tempo não disponível pelo professor.

Ele transmite as informações da Direção, ajuda a elaborar material didático para aulas, auxilia na elaboração de provas (caso haja um tema abordado para a prova), ajuda na discussão de temas para uma atividade específica ou evento da escola, ajuda a realizar tal atividade ou evento, auxilia os alunos em questões específicas tais como feiras culturais ou de ciências, participa de reuniões na escola ou fora dela a fim de transmitir para o corpo docente, elabora cursos para os professores, etc.

2) Existe uma relação profissional bem ampla entre os Coordenadores e os professores. O coordenador apóia, orienta, ensina, reúne, auxilia, transmite, esclarece e conecta os professores entre si, suas áreas, com a Direção, alunos, comunidade e órgãos externos à instituição de ensino.

3) Evasão escolar, comportamento inadequado de alunos durante as aulas ou nas dependências da escola, apesar de serem adultos, tráfico de drogas, baixo rendimento, falta de pré-requisito.

4) Uma EJA de qualidade deve ter material didático para os alunos e professores (livros, mapas, vídeos, laboratórios, etc.). Uma prova de nivelamento deveria ser realizada com alunos que há mais de cinco anos não estiveram matriculados e cursando regularmente uma instituição de ensino para determinar em que série devem retomar seus estudos. Há uma dificuldade extrema por parte tanto dos alunos quanto dos professores quando esse nível não é detectado e nem respeitado. Deveria haver mais segurança na escola, e nas suas imediações, dependendo da comunidade em que está a escola. A insegurança é responsável por um pequeno índice de evasão escolar.

5) Os alunos da EJA formam turmas heterogêneas. Há aqueles que estão há vários anos (décadas às vezes) sem estudar, há alunos transferidos por mau comportamento do turno diurno, há alunos que precisam trabalhar durante o dia e se matriculam na EJA à noite, há alunos que completaram 17 anos e reprovaram no turno diurno, portanto foram transferidos para a EJA no noturno.

Supervisor

1) Como você percebe a Educação de Jovens e Adultos na escola que você trabalha?

Esta pergunta é bastante ampla e subjetiva, mas tentarei responder da forma mais objetiva possível. Trabalho no CEF 427 de Samambaia desde o ano de 2007. Já tenho uma experiência suficiente para conhecer as potencialidades e as fraquezas de nossa escola. É uma escola de periferia, situada nas últimas quadras da cidade de Samambaia-DF. A escola está em uma região onde a comunidade é bastante carente de recursos econômicos e financeiros, mas também é carente de cultura educacional. Muitos pais de alunos adolescentes enxergam a escola como um mero “depósito” de crianças, ou uma creche próxima de casa. Não valorizam a escola e a educação de seus filhos. São movidos apenas pela busca de direitos e pela obtenção de notas e certificados de conclusão. Não importa se o aluno aprendeu. Não importa se o aluno desrespeitou seus professores ou a direção da escola. O importante é “passar de ano”. Isso gera inúmeros problemas na escola, relacionados à violência dentro e fora da escola, uso de drogas, pais ausentes do cotidiano escolar, evasão, infrequência, excesso de advertências e suspensões de alunos por desrespeito a professores, etc.

Outra realidade de nossa escola é a dos alunos adultos, que geralmente chegam para estudar diretamente do trabalho. Esses alunos são mais comprometidos com a rotina da escola, mas passam por dificuldades familiares, do trabalho, horários, etc. Estas dificuldades geram um número significativo de alunos que desistem de estudar. Os professores fazem o possível para motivar nossos alunos a continuar seus estudos e fazer uma faculdade. Sabemos que poucos alunos seguem esse caminho, porque a maioria está interessada em um diploma apenas para conseguir um emprego ou uma promoção ou ainda tentar um concurso público de nível médio.

Além disso tudo, ainda enfrentamos os problemas administrativos criados por governos que não compreendem como uma escola funciona satisfatoriamente: salas com mais de 45 alunos, professores desmotivados ou doentes, falta de materiais pedagógicos, falta de manutenção na escola, falta de professores, etc.

- 2) Descreva a função do Coordenador Pedagógico na EJA, segundo sua visão prática e cotidiana na escola.

O coordenador pedagógico tem a função, de acordo com o Projeto Político Pedagógico de nossa escola, de organizar, direcionar e integrar o trabalho do corpo docente e discente. Sua função básica é ouvir as demandas dos alunos e discutir com os professores em reuniões semanais ou quinzenais para tratar da implementação do Projeto Político Pedagógico, do Currículo básico das escolas públicas do Distrito Federal e das dificuldades enfrentadas por cada professor individualmente e coletivamente para o bom desenvolvimento de seu trabalho.

- 3) Quais as demandas mais complexas da EJA, que aparecem como desafios para o trabalho do Coordenador Pedagógico?

Sem dúvida nenhuma, o maior problema que enfrentamos na modalidade EJA é a evasão escolar. Não é raro que uma turma comece o semestre letivo com 40 alunos e termine com 10 ou 15 alunos frequentes. No Brasil, a cultura popular imediatista cria para nossos alunos a ilusão de que o estudo é algo que fica em segundo plano. O mais importante seria o mundo do trabalho e suas exigências mais urgentes. Nossos alunos desistem facilmente dos estudos por qualquer motivo relacionado a dificuldades de horário de trabalho, de transporte e de motivação para os estudos. Muitos não veem sentido algum no currículo escolar, por isso desistem.

Outro desafio muito grande em nossa escola é a situação gravíssima da naturalização do uso e do tráfico de entorpecentes legais e ilegais. Ouvimos sempre de nossos estudantes que é comum e

corriqueiro usar drogas como recreação. Mas sabemos das consequências dessa situação, e procuramos conscientizar e trabalhar para que nossos jovens percebam a armadilha do mundo das drogas.

4) Como você percebe a relação do Coordenador com a equipe pedagógica como um todo?

O coordenador é, sem dúvida nenhuma, o elo entre as demandas administrativas e as pedagógicas. Muitas vezes, por conta de decretos, leis e imposições administrativas, os projetos pedagógicos ficam em segundo plano. Muitos gestores de escolas públicas preocupam-se apenas com exigências burocráticas ou dados estatísticos a respeito do desempenho dos estudantes. O coordenador pedagógico deve ser aquela voz que sempre lembra o motivo central da existência de uma escola: o estudante. Assim, lembra também que os aspectos administrativos devem estar em função de promover o melhor encaminhamento possível dos trabalhos pedagógicos da escola.

5) Em que aspectos você percebe as mudanças e continuidades do trabalho do coordenador pedagógico EJA a cada semestre.

O coordenador pedagógico é a pessoa que deve ter aquela “sensibilidade” em relação à rotina da escola: o contexto social da comunidade, o desempenho dos alunos e as demandas dos professores e do Projeto Político Pedagógico. Por isso, cabe ao coordenador propor mudanças, cuidar do que é avaliado como satisfatório e corrigir erros. Tudo isso exige experiência e maturidade do coordenador, que atuará como mediador de todos os agentes que atuam na escola. Na modalidade EJA esta relação é mais estreita ainda, pois o coordenador tem a oportunidade de, a cada semestre, rever seus conceitos e propor melhorias nos projetos e na prática pedagógica dos professores. Por isso é tão importante que todos os projetos, ações e atividades da escola sejam pensados e orientados pelo coordenador pedagógico junto com o corpo docente, com o objetivo de fomentar e orientar estudantes cidadãos e autônomos. Somente eles é que conhecem a realidade da escola. Frequentemente ouvimos falar de projetos governamentais que fracassam porque não observam este detalhe: cada escola é diferente da outra. Cabe ao coordenador perceber isso e direcionar seu trabalho para obter o melhor desempenho possível de seus estudantes.

Diretor

1- o coordenador pedagógico é responsável por acompanhar os professores em suas atividades pedagógicas fazendo um elo entre direção, supervisão e professores. Ele acompanha as atividades desenvolvidas pelos professores, preenchimento de diário de classe, o conteúdo que está sendo aplicado, a elaboração de provas, o desenvolvimento de projetos entre outras coisas.

2- Percebo que os alunos e professores desenvolvem suas atividades em sintonia, a única dificuldade que vejo é o horário de entrada, alguns alunos não conseguem chegar a tempo por trabalhar longe. Trabalhar com jovens e adultos é muito gratificante eles superam suas dificuldades e conseguem terminar seus estudos, melhorando suas condições de vida.

3- A principal é a adequação curricular, o cansaço dos alunos por trabalharem o dia todo e o tempo que os alunos ficaram parados sem estudar antes de ingressarem na EJA, mas estamos conseguindo avançar.

4- Acompanhando as atividades com responsabilidade, participando de cursos palestras, rodas de conversas, tudo isso será aplicado diretamente junto com os professores na educação dos alunos.

5- Eu vejo que não tem limite, a cada nova dificuldade que surge os coordenadores são desafiados a encontrarem soluções, e encontram, ou seja é dinâmico, todo dia é um desafio.

- Termos de livre consentimento